



Ano 1 | # Zero | edição bimestral | nov e dez 2008

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

## Folkcomunicação para leitores do século XXI

Maria Érica de Oliveira Lima<sup>1</sup>

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

Os estudos comunicacionais ganham mais uma nova obra, do prof. José Marques de Melo, “Mídia, Cultura popular e Folkcomunicação” que vem situar a confluência entre o mundo das indústrias culturais e midiáticas com a cultura popular, sob a perspectiva da história, taxionomia e metodologias.

O livro tem no seu primeiro capítulo conceitos sobre a Folkcomunicação e explicações que perpassam pelas idéias originais de seu fundador Luiz Beltrão, sua trajetória, constituição, paradigmas, difusão, legitimação e desafios. Traz uma rica mensagem aos jovens pesquisadores que devem conceber “métodos apropriados para desvendar a natureza desses fenômenos, com firme propósito de produzir conhecimento capaz de contribuir para superar a condição de marginalizados em que se encontram os agentes folkcomunicacionais”.

No segundo capítulo de “Mídia e Cultura popular”, Marques de Melo apresenta um ensaio sobre Luiz Beltrão e Marshall McLuhan explorando suas confluências e incursões da cultura popular pelas indústrias midiáticas da América do Norte, e, portanto, as observações que o próprio Beltrão observou. Sob a égide do signo da globalização, o mosaico cultural se faz presente entre a mídia globalizada e a cultura popular. Marques de Melo ainda relata como McLuhan chegou ao conceito “folclore do homem midiático”, ao perceber a mutação cultural que o mundo passava. Essa parte do

---

<sup>1</sup> Profa. Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFRN. Pesquisadora da Base Comunicação, Cultura e Mídia (DECOM/UFRN). Doutora em Comunicação UESP com *sandwich* na UFP/Portugal. Contato: mariaerica@cchla.ufrn.br

livro é instigante e nos revela elementos históricos muitas vezes desconhecidos por nós, pesquisadores.

“Ampliando fronteiras”, terceiro capítulo, legitimam-se as matrizes conceituais, as fontes, os discípulos “beltranianos”, o legado, o universo tecnológico com parabólicas, novas fontes que vão gerar o avanço da Folkcomunicação, ao “ativismo midiático”, no qual se destacam pesquisadores brasileiros, renomados, que atuam sistematicamente com o objeto folkcomunicacional.

O quarto capítulo da obra certamente é o mais instigante aos olhos do leitor-pesquisador. Por lá, poderemos verificar as metodologias que vão provocar investigações e experimentos. Modelos que devem nos inspirar, sistematizar e adaptar-se aos nossos referenciais empíricos. Os exemplos apresentados com as pesquisas “Imagens midiáticas do carnaval brasileiro”, “festas populares: processos comunicacionais” e “a comunicação dos pagadores de promessas” representam o marco e a consolidação metodológica da própria Folkcomunicação por ela mesma: independente, dinâmica e madura!

Em “gêneros, formatos e tipos” a classificação da Folkcomunicação oral, musical, escrita, icônica e cinética revela os avanços obtidos pela área enquanto disciplina acadêmica e também suas problemáticas. Contudo, os conceitos apresentados em categorias, gêneros, formato, tipo vão descrever o rico universo que abrange a Folkcomunicação e seus fenômenos empíricos.

Acompanhando o caminho cibernético, não poderia deixar de ser, a Folkcomunicação também está lá, e no capítulo “evidências ciberespaciais” Marques de Melo mostra através de um rastreamento de palavras-chave no banco de dados do grupo *Google* a amplitude das fontes disponíveis no tocante a folkcomunicação enquanto disciplina acadêmica. Os dados são surpreendentes. Depois se buscou verificar o tamanho do espaço ocupado pelos fenômenos tipicamente folkcomunicacionais – “que sinalizam os objetos de estudo dos pesquisadores acadêmicos”. Mais surpresas! E para que o leitor aqui venha a saber, sugiro a leitura de “Mídia e Cultura popular”.

No sétimo capítulo, “Dicionário Contextual” eis que surgem algumas definições e contextualizações dos tipos folkcomunicacionais mais difundidos pela internet. Como o

próprio autor cita “uma peregrinação” que explica verbetes tendo o objetivo de criar, no futuro próximo, um possível “Dicionário Brasileiro de Folkcomunicação”.

A partir do oitavo capítulo surgem as memórias e Marques de Melo se atempera a cronologia folkcomunicacional, desde a década de 60 até os anos 2007 num fôlego impressionante de relatos de conferências, documentos, pesquisas, e, sobretudo, pesquisadores dos diversos centros e universidades do Brasil que tiveram na Folkcomunicação seu registro maior.

“Trajetória do fundador” e “Precursor emblemático” finalizam a obra do prof. Marques de Melo com a sua principal característica: que nem o tempo e nem o espaço poderão deixar de registrar seus 40 anos de trabalho sobre a Folkcomunicação! Falar de Luiz Beltrão é falar das Ciências da Comunicação no Brasil, do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM – que foi o primeiro instituto acadêmico no país dedicado “à investigação sistemática, permanente e continuada dos fenômenos gerados pelas indústrias de bens simbólicos”. Na “Trajetória do fundador”, Marques de Melo aborda Beltrão como jornalista, professor, pesquisador e escritor, além de sua consagração e reconhecimento pela comunidade acadêmica como pioneiro dos estudos científicos sobre comunicação no Brasil.

Em “Precursor emblemático”, Marques de Melo faz um resgate no nome de Theo Brandão, médico e folclorista, de grande destaque na cultura brasileira. Nesse capítulo, falar de Brandão é registrar suas “incursões, ainda que conjunturais, pelo campo da comunicação”. Como bem está no livro, “existe na fisionomia plural de Theo Brandão uma faceta que não tem sido devidamente reconhecida”. Certamente, essa frase vem nos apontar não somente para a falta de registros da memória comunicacional e cultural brasileira, mas também nas retomadas de teorias, de pesquisadores nacionais. Theo Brandão foi apresentado a Luiz Beltrão, e logo se interessou em conhecer melhor os trabalhos do pesquisador pernambucano. Nessa parte, a narrativa apresentada por Marques de Melo nos remete, historicamente, a grandes personalidades, intelectuais brasileiros que ao longo dos anos alimentam nossa cultura com importantes descobertas. Assim foi Theo Brandão e suas contribuições. Finaliza lembrando que o mesmo pensava holisticamente o folclore e entendia como “sobrevivências tradicionais e populares”; “sistema de símbolos, signos e sinais”, que o homem “aprende, acumula e transmite”.

Enfim, “Midia, Cultura popular e Folkcomunicação” é um livro que norteia pesquisadores, professores, alunos de pós e da graduação, a (re) descobrirem a nossa identidade cultural.